



Folhas Vivas

Ano XIII, N°71 - Junho 2023

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÊNIOR DE VILA FRANCA DE XIRA - Constituída em 14 de Maio de 2007

Comemoração do 16º Aniversário da AAUS

E assim cantámos os Parabéns à nossa AAUS, pelo seu 16º Aniversário



Como a celebração não pôde ser feita nos moldes anteriores partiu-se para uma ideia diferente não menos condigna e festiva. As Senhoras aperaltaram-se mais do que é habitual e os Cavalheiros igualmente fizeram jus à sua elegância e lá nos encontrámos no Hotel Vip para o nosso almoço comemorativo.



O almoço decorreu num ambiente de alegria e convívio, com direito à primeira apresentação pública da nossa **US Band** que nos levou a recordar, dançando músicas do nosso tempo. Rodeados de associados, amigos e convidados, terminámos a tarde apagando as velas do bolo de aniversário



Texto de Zília Menezes

Relembrar o escritor Eça de Queiroz.

Acabei de ler um romance, chamado de: Eça de Queiroz, segundo Fradique Mendes da autora Sónia Louro.

Pois muito bem caríssimos colegas da Universidade Sénior, vale a pena revisitar Eça de Queiroz, porque segundo a minha percepção, quase ainda não deixamos os arrabaldes das suas temperadas, sarcásticas e corrosivas observações da sociedade portuguesa, nomeadamente do seu atraso cultural, compadrio de subsistência, de uma larga burguesia mandriona, galhofeira e intriguista, amiga de boa mesa, boémia de requintado gosto pela moda e muito jocosa, no enfeitado palavreado, a terminar nas fantasias luxuriantes, em qualquer lugar, de preferência nas casas mais escabrosas de acomodações, com cheiros a bafio, mas longe dos escrutínios sociais, tendo em boa conta e bem parecendo pela ética e conduta dos protagonistas, que a megera dona do casa do repasto, por uns bons reis, o seu saber cai em fundo poço.

Que fazer com este Eça, que desacata os santificados clérigos com o seu Padre Amaro? Ou ainda com os amores de alcova e muitos burilados na sua prosa do Primo Basílio, muito lido pelas senhoras da finesse, invejosas de Luísa, mas ou ainda, se quiserem, percorrer os salões, avenidas e descrições da fidalguia, governantes, aristocratas, preguiçosos, chantagistas e miseráveis de títulos, que nem das suas quintas e coutadas querem saber. Que maravilha de prosa que também assenta nos dias hoje, igual aos dias de ontem, e de igual modo e dizer, desde do tempo dos Afonsinhos...Ao pobre Jacinto de a "Cidade e as Serras".

Nas Farpas, escrita a duas mãos com Ramalho Ortigão, maior empenhamento e talento do primeiro, que através do seu olhar lunático bem satírico e observador, através da sua prosa, farpeia com duros e inflamados golpes os bem aconchegados patricios, ora magistrados, conselheiros bafientos, na mendicidade de um lugarito de relevo; gentalha cavernosa, descolorida de ideais modernos, apologista da luz de candeia ou vela amarelada de convento. Assim anda a Lisboa e o país do seu tempo...

Nas tertúlias, sejam elas nas tabernas, ou lugares chiques como no Tavares, no hotel Bragança ou em casa de cada confrade, entre apetitosos comeres, bem regados com os Dionísios de colares, baptizam os encontros, passando a designar-se ou intitulam-se os "Vencidos da Vida"...

Que vencidos são estes que todos eles são bem remediados de posses, doutores, poetas, escritores, pintores e demais nomeada? Vencidos por quererem um país moderno, asseado no pensar, de ideais futuristas, capazes de transformar o país, tirando as suas pobres gentes da miséria e analfabetismo.

Entre tanto contar neste romance, Fradique Mendes, pseudónimo inventado por Eça nas suas cartas de correspondência, muito antes do grande poeta Fernando Pessoa inventar os seus, regista as suas preocupações de crítica social em abono dos mais capazes de vassourar as clientelas instaladas...

Eça de Queiroz, escritor, diplomata e homem ambicioso, pela sua pena e espírito inquieto, deixara-nos retratos do seu tempo, muito parecidos aos dias de hoje.

Durante as férias da Universidade Sénior, aconselho em revisitar algumas das obras do escritor e depois, refrescados e talentosos, promover uma mesa redonda para debater a sua obra, sem receios, nem catedráticos, apenas a opinião de cada interveniente.

Talvez quem sabe se não está aqui, neste breve apontamento para o "Folhas Vivas", o nascer de uma nova disciplina?

Saudações académicas com votos de Boas férias

António José, co-fundador da nossa AAUS.

Origem dos nomes de aldeias e vilas de Portugal - II

● TABERNA SECA

Consta que mudou de designação pouco depois de por lá ter passado um grupo de almocreves, que acabaram com todo o vinho que existia na única taberna que ali existia na época. E como queriam beber mais, mas não havia pinga, baptizaram a terra de Taberna Seca (Concelho de Castelo Branco). Rezam os ditos populares, que as gentes do povo foi obrigada a fugir da aldeia, porque as formigas comiam os olhos dos seus filhos recém-nascidos quando os deixavam a dormir para ir trabalhar para o campo.

● TRISTE FEIA

Consta que o nome inicial era apenas Triste, mas o cónego José Ferreira de Lacerda, acrescentou á designação original, a palavra “feia”. Para tristeza das cerca de três mil pessoas que lá vivem. Freguesia de Milagres em Leiria.

● CAI LOGO

Cai Logo é o nome de um monte em Melides, Grândola. A explicação é simples e castiça. O monte era tão íngreme que quando o mais novo dos miúdos da família que lá morava, começou a aprender a dar os primeiros passos não se aguentava por muito tempo nas pernitias e caía. Por causa disso, quando alguém de família ou amigos perguntava se a criança já andava, a resposta vinha pronta e escorreita, “Cai logo”.

● GOSTEI

Datam do tempo de D. Afonso III, mais precisamente de 1258, por conta das inquirições realizadas na povoação, as primeiras referências á aldeia de Gostei na arcaica grafia Goetey, presumindo os etimologistas “*que se tratará de evoluções da forma genitiva do nome pessoal germânico Gudesteus*”, lê-se na página oficial da Câmara Municipal de Bragança.

Emílio Duarte

BIBLIOGRAFIA

(Fidalgo, Vanessa, “*Porque se chamam assim*”, pág. várias, 2022)



Sem título por agora

A besta travou-me o passo,
Sem pedido ou requerimento,
Revelando total indiferença,
Por causar dor, desconforto e sofrimento.

Cortou as vazas, os planos do presente e para o futuro,
E remeteu para o silêncio puro e duro,
A raiva contida sem um murmúrio,
Ao invés, conformar com a fava do sorteio,
Que sem data marcada nem aviso prévio,
Vem corroendo a esperança e adensando o mistério.

O protocolo avança no cumprimento,
Não sem espinhos e pedregulhos a transpor,
Nas pernas, braços e corpo, exangues do tormento,
Saltam à vista no reflexo do espelho impiedoso,
E ainda na balança, inerte, sem movimento,
As marcas do abandono a que foram sujeitos.

Extirpado pela raiz, mas ainda duro de roer,
Voltou à liça, desafiador, covarde, pelejando em desigualdade,
Sem tréguas nem piedade,
Mas agora, daqui lhe mando o aviso,
Que neste lado só temos lugar para desdém ou riso,
Até que o desfecho seja conhecido.
Lino Solposto

Folhas Vivas

Corpo editorial

Director:

• Carlos Reis
Corpo redactorial e
coordenador:

• Emílio Duarte
• António Ramalho

Colaboração neste número
Zília Menezes, António
José L. dos Santos, Emílio
Duarte e Lino Solposto

- o -

Para críticas, sugestões
e colaboração,
contactar:



Telefone: 21 953 30 50

Palácio da Quinta
Municipal da Piedade
2625-201

PÓVOA DE SANTA IRIA

E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

Site:

Www.aausvfxira.pt

AGENDA

Semana da Universidade de 1 a 9 de Junho de 2023

(Programa detalhado divulgado pela gestão da Universidade Sénior)